

*C*rítica
Textual
do
Novo



TESTAMENTO

Wilson Paroschi

VIDA NOVA

CAPITULO 3

A HISTORIA DO TEXTO ESCRITO

Chegamos agora ao âmago do problema textual do NT: a reconstituição de sua história manuscrita, ou seja, a tentativa de explicar o surgimento das primeiras leituras divergentes e a influência que elas exerceram em toda a subsequente transmissão do texto. Não é difícil notar que se trata de assunto de extrema importância, pois quanto mais definidos estiverem os estágios primitivos da história textual do NT, não há dúvida de que tanto mais bem equipados estaremos para restaurá-lo à sua forma original.

Acontece que essa história, que começa já com a redação dos originais, está envolta em muita obscuridade, sobretudo nos primeiros tempos da Igreja. A literatura patrística lança pouquíssima luz a respeito, de maneira que o historiador, segundo Vaganay, pode ser comparado a um homem diante de um quebra-cabeça, em que a maioria das peças se perdeu, enquanto outras estão quebradas, pelo que deve contentar-se apenas com um esboço muitas vezes hipotético.' No período que se estende até o início do século IV, quando o cristianismo foi reconhecido pelo Império Romano, o NT circulou em muitas cópias em que o tratamento textual parece ter sido bastante livre e, devido à escassez de informações disponíveis, mesmo uma investigação bem cuidadosa não poderá eliminar todas as interrogações que se nos apresentam.

Nos primórdios do cristianismo, quando sob intensa oposição tanto judaica quanto romana, os livros do NT, incluindo-se os autógrafos, nem sempre puderam ser preparados em circunstâncias muito favoráveis. À exceção de Lucas, que, valendo-se de sua acuidade intelectual e amparo financeiro, revela ter-se esmerado na elaboração de seus livros (veja Lc 1.1-4; cf. At 1.1),² parece que nenhum outro escritor apostólico pôde dispor de tantos recursos em seus trabalhos literários. Paulo também era erudito, mas, além de padecer séria deficiência visual (veja At 9.8; cf. 2 Co 12.7-10; Gl 4.12-15; 6.11), algumas de suas epístolas ainda teve de escrevê-las enquanto prisioneiro (veja Ef 6.20; Cl 4.18; 2 Tm 4.6; Fm 9), o que em certo sentido também aconteceu com João em relação ao Apocalipse (veja 1.9-11). É certo que em dadas ocasiões tanto Paulo quanto João, além de Pedro, utilizaram-se de secretários ou assistentes (veja Rm 16.22; 1 Co 16.21; Cl 4.18; 2 Ts 3.17; Jo 21.24; 1 Pé 5.12), contudo é bem pouco provável que se tratassem de escribas ou redatores profissionais.

A situação das primeiras cópias certamente não foi muito diversa. Tendo as cartas apostólicas sido enviadas a uma congregação ou a um indivíduo, ou os evangelhos escritos para satisfazerem às necessidades de um público leitor em particular, os autógrafos do NT estavam separados e espalhados entre as várias comunidades cristãs e, ao ser copiados, não tiveram a oportunidade de receber um tratamento profissional: uma edição oficial que respeitasse as formas precisas do texto. Em sua pobreza e diante da necessidade de reproduzir os escritos apostólicos, tanto pela pouca durabilidade do papiro quanto

Lucas era médico (Cl 4.14) e, por sua cultura e genialidade literária, é digno "de ocupar um lugar respeitável entre os gigantes literários de todos os tempos" (Broadus David HALE, *Introdução ao estudo do Novo Testamento*, p. 103.). Quanto aos seus recursos financeiros, é bem provável que Teófilo, a quem o evangelho e Atos são dedicados, fosse, conforme o costume da época, seu *patronus libri*, que teria financiado "as primeiras cópias e seria uma influência para que o livro pudesse alcançar uma audiência seleta e mais numerosa" (Horne P. SILVA, *Cristo e os evangelhos*, p. 10.).

pela rápida expansão do cristianismo, as igrejas muitas vezes tinham de empregar copistas amadores ou até mesmo irmãos bem-intencionados mas de pouca habilidade gráfica. E assim, tão logo os originais começaram a ser reproduzidos, o que deve ter acontecido ainda dentro do período apostólico (veja Cl 4.16; 2 Pé 3.15, 16),³ as primeiras variantes textuais começaram a surgir e, pela falta de um revisor que checasse o trabalho, passaram a se multiplicar nas cópias seguintes.

Variantes involuntárias, portanto, são facilmente explicadas. Omissões, inversões, repetições e outros equívocos são passíveis de ser cometidos em qualquer cópia manuscrita, e se o documento for de apreciável extensão, como é o caso da maioria dos livros do NT, considera-se certo que duas cópias jamais sairiam exatamente iguais entre si, e que nenhuma delas seria totalmente idêntica ao original,⁴ ainda mais se o trabalho fosse feito por um escriba inexperiente. Além disso, sendo o papiro um tanto delicado, cópias submetidas a intenso manuseio poderiam facilmente ser mutiladas, especialmente nas partes iniciais e finais, e, quando reproduzidas, propagariam as omissões.

Outra fonte de divergências textuais era o descuido na exatidão literal. Os cristãos primitivos, a começar com os apóstolos e evangelistas ao citarem o AT,⁵ não mostravam a mesma veneração da letra do texto bíblico que prevalecia entre os judeus. Eles achavam, como disse Jerônimo, que "a letra não era nada sem o significado

A epístola de Paulo aos laodicenses, mencionada em Colossenses 4.16, por uma razão ou outra logo se extraviou; já no tempo de Marcião apenas se conjecturava a respeito dela. O que mais importa nesse versículo, porém, é a indicação de que pelo menos as epístolas paulinas já haviam começado a circular entre as várias comunidades cristãs ainda dentro do período apostólico, e isso era feito pela simples troca de mss., ou, o que é mais provável, mediante a elaboração e o envio de cópias. 2 Pedro 3.15 e 16 também evidencia o mesmo fato, ou seja, que boa parte das epístolas de Paulo já era conhecida em várias comunidades cristãs da Ásia Menor (veja 1 Pé 1.1; cf. 1 Pé 3.1). GREENLEE, *Introduction to New Testament textual criticism*, p. 12. Dependendo do critério que se utilize, o NT pode conter até 4 105 passagens que lembram o AT (veja Roger NICOLE, *New Testament use of the Old Testament*, em *Revelation and the Bible*, p. 138); dessas, apenas 160 são citações diretas (Henry Barclay SWETE, *An introduction to the Old Testament in Greek*, p. 386).

comunicado por ela, e que, nesse caso, o Livro é para o homem, e não o homem para o Livro".⁶ Daí o fato de os Pais da Igreja citarem o NT muitas vezes de maneira descuidada, frequentemente se valendo da memória e se contentando apenas com alusões. Assim chegamos às variantes intencionais, que por sinal compreendem a maior parte das variantes do NT, e resultam de copistas e corretores que tomavam a liberdade de efetuar correções ou alterações no texto sagrado com base puramente em sua preferência pessoal, em alguma tradição alternativa ou no relato paralelo de outro livro bíblico.

Tais alterações, porém, não devem ser atribuídas unicamente ao tratamento menos piedoso dos livros, pelo fato de o NT ainda não ser aceito como "Escritura", como chegou a ser sugerido algum tempo atrás.⁷ Já nos próprios dias apostólicos a equiparação de livros do NT aos do AT parece haver sido estabelecida. Comentando 2 Pedro 3.16, Russell N. Champlin declara que, mediante a expressão "as demais Escrituras", Pedro "classifica definitivamente algumas das epístolas de Paulo como 'Escritura'".⁸ E Paulo, em 1 Timóteo 5.18, ao citar o evangelho de Lucas (10.7) e o livro de Deuteronômio (25.4), confere a ambos a mesma autoridade escriturística.

Agora, é fato que Justino Mártir, ao redor do ano 150, aparece como o primeiro Pai da Igreja a enquadrar formalmente as "memórias dos apóstolos" na mesma categoria dos livros sagrados do AT,⁹ apesar de que, a partir do final do século I, autores como Clemente,¹⁰ Inácio,¹¹ Policarpo¹² e outros Pais Apostólicos¹³ já passam a demonstrar a grande reverência com que os livros do NT eram tidos na Igreja Primitiva,

Ap. VAGANAY, Op. dt., p. 99-100.

Ernest C. COLWELL, em *What is the best New Testament?*, p. 53, confessa que anteriormente já havia defendido essa teoria e que A. T. Robertson, A. Souter, Kenyon e muitos outros também tinham incorrido no mesmo erro. *O Novo Testamento interpretado*, v. 6, p. 213. *Apologia*, I, 67, *I Clemente* 13.1.

Aos esmirneus 7.2; *Aos magnésios* 13.1. *Aos filipenses* 3.2; 9.1; 11.2, 3.

Os chamados "Pais Apostólicos" são autores que escreveram geralmente entre 90 e 150 e receberam esse cognome por ser provável que alguns deles tenham sido discípulos dos apóstolos.

apesar de o cânon ainda não estar definido. Aliás, a própria fixação do cânon neotestamentário — processo que se estendeu mais ou menos até o final do século rv — evidencia o alto apreço com que eram tidos os livros apostólicos, ao ponto de serem finalmente considerados como a "Palavra de Deus". Bruce declara:

Uma coisa precisa ser afirmada com toda ênfase: os livros do NT não se fizeram possuídos de autoridade para a Igreja pelo fato de virem a ser formalmente incluídos em uma lista canônica; pelo contrário, a Igreja incluiu-os no cânon porque já os havia por divinamente inspirados, reconhecendo-lhes o valor inato e a autoridade apostólica, direta ou indireta. Os primeiros concílios eclesiásticos a classificar os livros canônicos realizaram-se ambos no norte da África: em Hipona Régia, em 393, e em Cartago, em 397. O que esses concílios fizeram, todavia, não foi impor algo novo às comunidades cristãs, mas apenas codificar o que já era prática geral nessas comunidades.¹⁴

É bem razoável, portanto, supormos que as alterações propositadas no texto bíblico, em vez de surgirem pelo descaso dos copistas e corretores para com a literatura apostólica, surgiram justamente pelo fato de o NT ser o "tesouro religioso da Igreja":¹⁵ amado e venerado pêlos cristãos primitivos. Por estranho que possa parecer, muitas das variantes não passam de tentativas de zelosos escribas que, agindo de boa fé, tentavam melhorar o texto, fazendo correções ortográficas, gramaticais, estilísticas ou mesmo exegéticas. Em meio ao calor das heresias que fervilhavam nos primeiros tempos do cristianismo, certas palavras ou expressões que pudessem dar ensejo a más interpretações muitas vezes eram deliberadamente evitadas para que a verdade pudesse ser salvaguardada. Ao assim fazer, porém, os escribas, na realidade, acabavam por roubar do texto sua originalidade, quando não chegavam até mesmo a modificar-lhe completamente o sentido. Numa de suas cartas, Jerônimo queixa-se de que os copistas 'escrevem não o que vêem, mas o que imaginam significar; e, ao

The New Testament documents, p. 27.

COLWELL, *op. cit.*, p. 53. Veja também VAGANAY, *op. cit.*, p. 99.

pretender corrigir os erros de outros, meramente exibem os seus".¹⁶

Convém destacar, todavia, que bem antes de Jerônimo o problema já havia assumido grandes proporções. No início do século m, Orígenes já havia mencionado a grande divergência que existia entre os mss., destacando as mesmas espécies de alterações e atribuindo-as tanto à negligência de alguns copistas quanto à audácia pervertida de outros, inclusive de corretores que costumavam estender ou encurtar o texto como melhor lhes parecia.¹⁷ E são justamente as variantes que surgiram mais ou menos até o final do século n que requerem especial consideração da parte da crítica textual, uma vez que consistem na grande maioria de todas as variantes hoje conhecidas. A questão é que a corrupção do texto apostólico foi muito rápida e severa e não tem sido fácil encontrar uma explicação adequada para o fato.

H. J. Vogeis destaca que, por terem ocorrido tão bruscamente, essas alterações não podem ser atribuídas apenas aos copistas, senão teriam vindo à tona de forma mais gradual.¹⁸ Deve ter havido, portanto, as chamadas recensões, onde certos indivíduos engajavam-se em alguma revisão geral de um livro ou grupo de livros. É muito improvável, porém, que se tratassem de procedimentos técnicos e abalizados; possivelmente não passavam de algumas recensões bastante rudimentares,¹⁹ que teriam sido feitas, por exemplo, quando várias porções do NT, tais como as epístolas paulinas ou os evangelhos, passaram a ser juntadas num único códice, ao este começar substituir os rolos individuais ou, ao contrário, quando certos livros como Lucas e Atos, que originariamente haviam sido juntados, foram então separados em edições posteriores. Todavia, como conclui Vaganay,²⁰ dessas primeiras recensões, de quando e onde foram feitas e de suas características distintivas, praticamente nada sabemos, além da grande

Cartas LXXI, 5.

Comentário de Mateus, x v, 14.

Ap. VAGANAY, *op. cit.*, p. 105.

Veja José M. BOVER e José O'CALLAGHAN, *Nuevo Testamento trilingue*, p. xxxix.

²⁰ VAGANAY, *op. cit.*, p. 101.

Textos Locais

O surgimento de variantes nesse período primitivo, particularmente no que respeita à variedade, esteve ainda relacionado com o fator conhecido como textos locais. Embora sendo fundamentalmente uma, a comunidade cristã era altamente diversificada tanto por razões de índoles provinciais ou características individuais quanto pela influência segregadora de perseguição, e isso fez com que se desenvolvessem diferentes tipos de textos nos diversos centros cristãos.

Quando as primeiras cópias do NT foram levadas às diversas localidades do mundo cristão, cada ms. certamente continha suas próprias variantes textuais características e, ao serem recopiados, as cópias resultantes tendiam a preservar as variantes básicas de seu modelo, só que adicionadas de outras que lhe eram peculiares. Dessa forma, os mss. que circulavam em dada localidade tendiam a assemelhar-se mais entre si que aos de outras localidades. Mesmo em se tratando da mesma região, porém, é praticamente impossível que houvesse dois mss. exatamente idênticos; por outro lado, certos grupos

²¹ Se de fato pudermos vincular as recensões ao agrupamento de determinados livros num único ms., então talvez possamos encontrar uma ou outra resposta. A passagem de 2 Pedro 3.16 parece testificar que a primeira coleção de epístolas paulinas foi composta na Ásia Menor, ainda nos dias apostólicos. Quanto aos evangelhos, como João não foi escrito senão ao redor do ano 100, na cidade de Efeso, só puderam ser coligidos e ordenados no início do século II, provavelmente na própria Éfeso. Isso não impede, todavia, que Mateus, Marcos e Lucas já estivessem circulando juntos há algum tempo. Em três obras pós-apostólicas, escritas nas proximidades do ano 100 — a Epístola de Barnabé, originária talvez de Alexandria, o Didaquê ou "Ensino dos Doze Apóstolos", oriundo da Síria ou da Palestina, e a carta escrita à Igreja de Corinto pelo Bispo Clemente de Roma, por volta do ano 96 — achamos citações indubitáveis da tradição comum dos evangelhos sinóticos, além de Atos, Romanos, I Coríntios, Efésios, Tito, Hebreus e I Pedro, com possíveis alusões a outros livros do NT. E é digno de nota que essas três obras provêm de três regiões completamente distintas, as quais correspondem aos antigos centros do cristianismo.

de mss. poderiam assemelhar-se uns aos outros mais intimamente que a outros grupos do mesmo texto local. Para complicar ainda mais, certos mss. poderiam ser comparados a cópias de outras localidades e por elas corrigidos, produzindo assim um texto misto. No todo, porém, durante os primeiros séculos, as tendências de desenvolver e preservar um tipo particular de texto prevaleceram sobre as tendências de misturar os textos.

Por falar em similaridade de mss., deve ser lembrado que muitos deles são idênticos em mais de 80% do texto. Tecnicamente, porém, o que determina sua classificação quanto a diferentes tipos ou famílias textuais é a concordância no erro, ou seja, os mss., que concordam em determinadas variantes ou em muitos pequenos detalhes evidenciam seguir a mesma linhagem textual, cujo desenvolvimento deu-se em algum importante centro cristão da antiguidade, como Alexandria, Roma, Cesaréia ou Constantinopla.

Vale ressaltar, porém, que a identificação de um tipo de texto com determinada área geográfica não é arbitrária, mas feita com base no que Dana chama de "probabilidade antecedente",²² ou probabilidade histórica, aliada ao testemunho das versões e citações patrísticas, que em certos casos é bastante conclusivo. No cristianismo primitivo, Antioquia, Éfeso, Roma e Alexandria aparecem rapidamente como importantes centros eclesiásticos. Éfeso logo uniu sua influência a Roma e chegou mesmo a estar-lhe subordinada. Em pouco tempo, Cesaréia ocupou lugar ao lado de Alexandria, e, pouco depois, Constantinopla sobrepujou Antioquia e despontou como a grande capital do cristianismo oriental. Não deveríamos ficar surpresos, portanto, se a história textual do NT girasse em torno dessas localidades de influência, e as evidências apontam justamente nessa direção, sugerindo que diferentes textos locais podem ter circulado nas regiões dominadas por tais centros. São os seguintes:²³

Escudrinando las Escrituras, p. 190-91.

A nomenclatura aqui adotada para os diferentes tipos de textos corresponde a usada pelas Sociedades Bíblicas Unidas.

Texto Alexandrino

No período helenístico,²⁴ Alexandria superou Atenas e tornou-se o mais importante centro cultural do mundo mediterrâneo: além de ser o berço da filosofia neoplatônica, possuía também famosa biblioteca, cujo acervo é estimado em cerca de 700 000 volumes²⁵ e onde os poemas épicos homéricos foram pela primeira vez submetidos a rigorosos estudos críticos. Em 274 a.C., por exemplo, Zenódoto de Éfeso, o primeiro diretor da biblioteca, comparou diversos mss. e procurou restaurar o texto original da *Iliada* e da *Odisseia*. Diretores subsequentes, como Aristófanes de Bizâncio (c. 257 - c. 180 a.C.), talvez "o maior filólogo da antiguidade grega",²⁶ e seu grande discípulo Aristarco de Samotrácia (c. 220 - c. 144 a.C.), também prepararam edições críticas de Homero, bem como de outros autores gregos. Essa tradição literária provavelmente influenciou a igreja local, uma vez que as cópias do NT ali produzidas revelam-se de excelente qualidade textual. Há que se destacar, também, a falta de contato direto dos cristãos alexandrinos com o cristianismo apostólico (veja At 18.24, 25), o que parece tê-los feito inteiramente dependentes dos escritos sagrados para seu conhecimento dos fundamentos da religião cristã. As reminiscências pessoais e a tradição oral faltavam ali, o que teria aumentado a exigência quanto à exatidão textual das fontes literárias.

Seja como for, o fato é que o texto alexandrino é usualmente reputado como o melhor tipo de texto, com pouquíssimas modificações gramaticais e estilísticas, distanciando-se do original, segundo Champlin, em não mais de 2% ou 3%; através de vários séculos, os mss. que se originaram desse texto receberam tanto quanto cerca de 5% de variantes.²⁷ Suas principais características são a brevidade e a austeridade, ou seja, é geralmente mais breve que outros

²⁴ Período que abarca os três séculos transcorridos a partir da vitória de Alexandre, o Grande, sobre Dario III (333 a.C.), durante os quais a influência da cultura grega manifestou-se tanto no Oriente quanto no Ocidente.

²⁵ John RICHES, *The world of Jesus*, p. 138.

²⁶ METZGER, *The text of the New Testament*, p. 151.

²⁷ *Op. cit.*, v. 1, p. 97.

tipos de textos e não exibe o mesmo grau de polimento linguístico que caracteriza, por exemplo, o texto local de Constantinopla ou, em menor grau, o de Cesaréia. Seus testemunhos mais importantes são os Códices Vaticano e Sináítico, além dos Papiros Chester Beatty e Bodmer, especialmente P⁴⁵ e P⁶⁶, ambos datados do século n ou início do III, o que vem demonstrar que o texto alexandrino retrocede a um arquétipo que deve ter sido escrito na primeira metade do século II.²⁸ Os principais testemunhos são os seguintes:

Proto-Alexandrinos:

P⁴⁵ (em Atos), P⁴⁶, P⁶⁶, P⁷⁵, », B, cop" (em parte), Clemente de Alexandria, Orígenes (em parte) e a maior parte dos fragmentos em papiro das epístolas paulinas.

,.29

Alexandrinos posteriores:"

Evangelhos: (C), L, T, W (em Lucas 1.1—8.12 e João), (X), Z, A (em Marcos), 2, ^ (em Marcos; parcialmente em Lucas e João), 33, 579, 892, 1241 e cop"⁰.

Atos: P⁵⁰, A, (C), ^, 33, 81, 104 e 326.

Epístolas paulinas: A, (C), H, I, I', 33, 81, 104, 326 e 1739.

Epístolas católicas: P²⁰, P²³, A, (C), ^, 33, 81, 104, 326 e 1739.

Apocalipse: A, (C), 1006, 1611, 1854, 2053 e 2344; pouco

inferiores: P⁴⁷, ti.

Texto Ocidental

Em Roma e outras regiões dominadas pela cultura latina, como a Gália e o norte da África, também antes da metade do século n, desenvolveu-se outro tipo de texto, o texto ocidental, com alterações bastante radicais nos evangelhos e principalmente em Atos, onde é quase 10% mais longo que a forma original,³⁰ o que já fez até

²⁸ METZGER, *The text of the New Testament*, p. 216.

²⁹ Os testemunhos entre parênteses apresentam um texto de caráter misto.

³⁰ METZGER, *A textual commentary on the Greek New Testament*, p. 260.

mesmo com que fosse aventada a hipótese de duas edições desse livro por Lucas.³¹ Foi o texto usado por Marcião, Taciano, Ireneu, Tertuliano e Cipriano. Num estágio posterior, esteve em uso também no Egito, o que é demonstrado pelos papiros P³⁸ e P⁴⁸, ambos do final do século m. Os mais importantes mss. gregos que apresentam esse tipo de texto são os Códices Beza e Claromontano, escritos mais ou menos no início do século vi. Também é testemunhado pelas antigas traduções latinas e, em parte, siríacas.

Sua principal característica é o gosto pela paráfrase. Palavras, frases e até mesmo porções inteiras foram livremente modificadas, omitidas ou acrescentadas. Algumas vezes, o motivo disso parece ter sido a harmonização, principalmente no caso dos evangelhos sinóticos;

outras vezes, o enriquecimento da narrativa mediante a inclusão de alguma tradição autêntica ou mesmo apócrifa, envolvendo umas poucas declarações e incidentes da vida de Jesus e dos apóstolos. Há textos, porém, cujas alterações são inteiramente triviais, e nenhuma razão especial se lhes pode atribuir. Uma das características mais intrigantes do texto ocidental, que é comumente mais longo que outros tipos de textos, é que no final do evangelho de Lucas, bem como em outros livros, há certas omissões de palavras e frases que se fazem presentes em outros tipos de textos, inclusive o alexandrino. Até meados deste século, muitos estudiosos dispuseram-se a reputar essas formas mais breves como originais, mas, desde a descoberta do P⁷⁵, a tendência tem sido a de considerá-las corruptas. Enfim, de todos os tipos de textos, é o mais livre e incoerente consigo mesmo, não sendo, portanto, de boa qualidade, embora possa ter conservado certas leituras originais que estão ausentes até mesmo do texto alexandrino.³² Seus principais testemunhos são os seguintes:

Evangelhos: D, W (em Marcos 1.1—5.30), 0171, a Antiga Latina, syrⁿ, syr⁰ (em parte), os primeiros Pais Latinos e o Diatessaron. Atos: P²⁹, P³⁸, P⁴⁸, D, 383, 614, syr¹¹ⁿ¹⁶, os primeiros Pais Latinos

Ibid.

WIKENHAUSER, *Introducción al Nuevo Testamento*, p. 122. Para um estudo mais completo dos problemas relacionados com o texto ocidental, veja METZGER, *A textual commentary on the Greek New Testament*, p. 259-72.

e Efraim.

Epístolas paulinas: D, E, F, G, Pais Gregos até o fim do século m, a Antiga Latina, os primeiros Pais Latinos e Pais Sírios até cerca do ano 450.³³

Texto Cesareense

É possível que tenha tido origem comum com o texto alexandrino, no Egito, portanto, o que se demonstra pelo P⁴⁵, de onde teria sido levado para Cesaréia provavelmente por Orígenes. Essa hipótese é aventada pelo fato de o próprio Orígenes ter usado esse tipo de texto e também o alexandrino, em seu *Comentário de João*, quando ainda morava em Alexandria. Tendo-se transferido para Cesaréia, passou a usar apenas o texto cesareense, do qual algumas cópias chegaram até Jerusalém, pois foi o texto usado por Cirilo e pelos armênios, os quais, em data bem remota, tinham ali uma colônia. A seguir, passou também para os georgianos, cuja primeira tradução dos evangelhos teve por base a versão Arménia. Um dos principais testemunhos gregos é o Códice Korideto, escrito no século IX e encontrado justamente na região dos Cáucacos.

Apesar de remontar ao século II, desenvolveu-se essencialmente no m e caracteriza-se por uma distintiva mescla das formas alexandrina e ocidental, estando ligeiramente mais próximo da ocidental,³⁴ sem, contudo, apresentar as longas adições e paráfrases desse texto. Também se pode observar certo esforço pela busca da elegância na expressão, o que é uma característica especial do tipo bizantino de texto. Na verdade, historicamente falando, o texto cesareense como tal representa apenas mais um estágio no desenvolvimento em direção ao texto bizantino e, como no caso de outros tipos de textos, também apresenta formas que refletem séculos anteriores ou posteriores. Os mss. que Orígenes trouxera do Egito, refletidos, por exemplo, em P⁴⁵, W, / e f³, pertenciam a uma forma anterior desse texto, mais

Quanto às epístolas católicas e ao Apocalipse, praticamente nenhum testemunho ocidental específico têm sido identificado.

BurnettH. STREETER, *The four gospels*, p. 84.

próxima do alexandrino. Já os mss. 9, 565 e 700, entre outros, pertencem ao texto cesareense propriamente dito. Há que se destacar, porém, que essa classificação tem sido mais plenamente explorada no texto do evangelho de Marcos, embora agrupamentos similares às vezes tenham sido propostos também para os demais livros do NT.³⁵ Os seguintes testemunhos representam os mais importantes:

Pré-Cesareenses:

P⁴⁵, W (em Marcos 5.31-16.20), *f, f* e 28.

Cesareenses propriamente ditos:

Q, 565, 700, Arménia, Geórgica, Orígenes (em parte), Eusébio e Cirilo de Jerusalém.

Texto Bizantino

É o último dos tipos distintivos de textos do NT e parece ter resultado de uma revisão de antigos textos locais feita por Luciano de Antioquia, pouco antes de 312, ano de seu martírio. Com efeito, há uma alusão de Jerônimo de que as igrejas de Antioquia e Constantinopla preferiam o texto luciânico,³⁶ e sabe-se, através do Menológico — catálogo litúrgico que inclui pequenos relatos de santos e mártires da Igreja Grega para ser lido em ocasiões especiais — que Luciano legou a seus discípulos uma cópia das Escrituras do AT e NT que ele mesmo havia escrito em três colunas paralelas.³⁷ Além disso, o primeiro Pai da Igreja cujas citações são essencialmente bizantinas é João Crisóstomo, e vale lembrar que ele começou seus trabalhos literários justamente em Antioquia, no ano 381, e figura como um dos mais famosos representantes da escola de Luciano.³⁸ Depois de Crisóstomo, esse tipo de texto torna-se cada vez mais comum nos escritores relacionados com Antioquia ou Constantinopla, alcançando

Veja WIKENHAUSER, *op. cit.*, p. 124.

Veja o prefácio de sua tradução latina de Crônicas.

STREETER, *op. cit.*, p. 113.

Ibid.

a seguir predomínio absoluto em todo Império Bizantino.

Como característica principal, o texto bizantino reflete um esforço no sentido de suavizar qualquer aspereza de linguagem, de polir o estilo, de acrescentar breves interpolações para facilitar a interpretação, de combinar dois ou mais textos divergentes em uma forma expandida e também de harmonizar passagens paralelas. Reúne, portanto, elementos comuns aos textos alexandrino, ocidental e cesareense, chegando mesmo, tanto quanto possível a combiná-los numa única narrativa, só que mais bem elaborada, mais completa, mais fácil, e com certo ar de elegância acadêmica. Trata-se, portanto, de um texto distintamente mesclado, e sua origem bem posterior elimina quase todas as chances de que alguma de suas variantes represente a forma original.³⁹ Nos evangelhos, é representado principalmente pelo Códice Alexandrino, do século v, e em todo o NT pelos unciais posteriores e pela grande massa dos mss. minúsculos, o que indica que acabou sendo o tipo de texto mais largamente aceito e posto em circulação. Na verdade, chegou mesmo a tornar-se uma espécie de texto padrão, principalmente após o século vm, a partir de quando, à exceção de uns poucos mss. ocasionais que vieram a preservar alguma forma anterior de texto, praticamente apenas mss. bizantinos foram produzidos. Os mais importantes são os seguintes:

Evangelhos: A, E, F, G, H, K, P, S, V, W (em Mateus e Lucas 8.13—24.53), n, ^ (em Lucas e João), Si e a maioria dos minúsculos.

Atos: H, L, P, 049 e a maioria dos minúsculos.

Epístolas: L, 049 e a maioria dos minúsculos.

Apocalipse: 046, 051, 052 e muitos minúsculos.

Unificação Textual

A conversão de Constantino, no ano 312, inaugurou uma nova fase na história textual do NT, especialmente após a promulgação do Edito

de Milão, no início do ano seguinte, que colocava o cristianismo em pé de plena igualdade com qualquer outra religião do Império Romano e ordenava que fossem restituídas todas as propriedades eclesíásticas confiscadas na recente perseguição. De imediato, houve considerável aumento na circulação das Escrituras, cujos mss. não mais corriam o risco de ser apreendidos e queimados em praça pública, o que, segundo Eusébio, era comum até havia bem pouco tempo.⁴⁰ Muitos donativos também eram entregues ao clero, e o texto sagrado pôde passar a ser copiado mais cuidadosamente e com todos os recursos de produção literária disponíveis na época. Em muitos lugares, começaram a surgir os escritórios (*scriptoria*), que eram casas especializadas na confecção de livros para fins comerciais, com escribas treinados e equipados com pergaminho, penas e tintas as mais variadas. O papiro tornou-se ultrapassado, e a maior abundância de espaço levou também ao relativo aumento no tamanho das letras e embelezamento de suas formas, e belos e luxuosos mss. passaram então a ser produzidos.

Quanto ao texto propriamente dito, verificou-se uma nova tendência. A maior integração da comunidade cristã criou tanto a oportunidade quanto a necessidade da comparação de mss. e a obtenção de um tipo de texto que não apresentasse tantas divergências. E foi assim que os vários textos locais que até ali tinham coexistido no mundo cristão foram pouco a pouco dando lugar a um único tipo de texto. Nesse aspecto, Constantinopla desempenhou um importante papel.

No ano 330, a antiga cidade de Bizâncio, que havia sido reconstruída, tornou-se formalmente a nova capital do Império Romano no Oriente, passando a dividir com Roma a tarefa de manter a integridade territorial de seus domínios. Constantino chamou-a de Nova Roma, mas o nome que acabou prevalecendo foi Constantinopla, como era popularmente chamada. Embora os motivos de sua fundação tenham sido de caráter político e estratégico, as consequências religiosas foram muito vastas, inclusive para o texto do NT. Dedicada à Santíssima Trindade e à Virgem Maria, Constantinopla estava

situada na porção mais fortemente cristianizada do mundo de então. Por isso, como sede eclesiástica, logo se projetou ao lado de Roma também como a nova capital cristã do Oriente, e, como seria de se esperar, o texto local ali usado, o bizantino, gradualmente se fixou como o texto dominante em todas as regiões do Império onde ainda se falava o grego.

O primeiro tipo de texto a circular em Constantinopla, porém, pode não ter sido o bizantino. Em 331, Eusébio foi encarregado por Constantino de preparar 50 cópias das Escrituras em pergaminho para que fossem usadas pelas igrejas da nova capital, e, como Eusébio usava o texto cesareense, é provável que tenha sido esse o tipo de texto primeiramente usado ali.⁴¹ Cerca de meio século depois, porém, Jerônimo já constatava que as autoridades constantinopolitanas eram ardorosas defensoras do texto de Luciano,⁴² mas foi somente após a nomeação de João Crisóstomo como patriarca local, em 398, que esse texto veio mesmo a popularizar-se em todo o Império Bizantino.⁴³

Quanto ao que teria acontecido às 50 cópias providenciadas por Eusébio, Burnett H. Streeter sugere que teriam sido submetidas a correções com base no texto luciânico, até serem finalmente substituídas por novas cópias essencialmente bizantinas, produzidas em algum escritório ou mosteiro local. As cópias corrigidas poderiam então ser aos poucos encaminhadas às várias províncias do Império, onde, por sua vez, ter-se-iam tornado os ancestrais de alguns dos mss. bizantinos que chegaram até nós.⁴⁴ Tendo ou não sido realmente assim, uma coisa é certa: a correção de mss. com base no texto luciânico tornou-se com efeito um procedimento bastante comum. À exceção dos fragmentos, apenas os Códices Sináítico, Vaticano e Beza revelam ter escapado à maioria de tais correções,⁴⁵ sendo muito significativo verificarmos que os dois primeiros trazem um texto essencialmente alexandrino e são mais antigos que quaisquer outros

⁴¹ STREETER, *op. cit.*, p. 103.

⁴² Veja o prefácio de sua revisão latina dos evangelhos.

⁴³ VAGANAY, *Op. Cit.*, p. 127.

⁴⁴ STREETER, *op. cit.*, p. 103-4.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 42.

mss. unciais hoje conhecidos.

Esse fato, ou seja, o de haver mss. que exibem diferentes graus de correções bizantinas, reflete, por sua vez, outra verdade: as correções, embora comuns, costumavam ser extremamente irregulares, o que muitas vezes acabava dando origem a mss. de textos mistos. O mesmo Códice Sinaítico, por exemplo, mostra ter passado pelas mãos de vários corretores. Um deles, denominado *i*[^], corrigiu os primeiros capítulos de Mateus com grande cuidado, mas seu interesse pelo trabalho parece ter diminuído, pois fez poucas correções nos capítulos subsequentes, e quase nenhuma nos outros evangelhos. Outro corretor do século v ou VI já foi bem mais sistemático que o anterior, e assim por diante. E, se após várias correções o ms. fosse recopiado, o resultado certamente seria um texto heterogêneo, como no caso do Códice Efraimita. E assim, o processo de unificação textual, iniciado em Constantinopla lá pelos meados do século IV, só chegou a estar completo, conforme o testemunho dos mss., por volta do século vm,⁴⁶ a partir de quando praticamente apenas o texto bizantino foi reproduzido.

A partir do século IX, com a introdução da escrita minúscula, a produção de mss. bíblicos recebeu novo impulso, de maneira que 95% dos mss. gregos hoje conhecidos são dessa época em diante, e, por não ter havido mais nenhum fator que provocasse maiores alterações no texto, bem poucos desses mss. diferem consideravelmente do texto bizantino. Durante toda a Idade Média, quando boa parte do território do Império estava ocupada por populações eslavas, árabes e turcas e a cultura grega atingia o nível mais baixo de toda sua história, a Igreja Grega submeteu-se inteiramente ao domínio desse texto. Conquanto existam certas variações entre os mss., uma vez que eles continuaram a ser copiados à mão, o texto, depois do século IX, foi quase sempre o mesmo.

A influência do texto luciânico, porém, não esteve limitada às regiões de fala grega do Império. Já na segunda metade do século IV, serviu de base para a primeira tradução das Escrituras numa língua teutônica, o gótico, feita pelo Bispo Wulfila, a quem se atribui

também a invenção do alfabeto gótico. Conhecido como "o apóstolo aos godos", Wulfila foi ordenado bispo provavelmente em Antioquia da Síria, no ano 341, e esteve presente no Sínodo de Constantinopla, realizado em 360, pelo que não nos admira o fato de sua tradução haver tido como base tal texto. Metzger, no entanto, salienta que a versão Gótica não preserva o texto de Luciano, mas apenas deriva dele, visto que também apresenta algumas variantes de outros tipos textuais, especialmente o ocidental.⁴⁷

Outra versão que também se valeu desse texto é a Eslava, feita no século IX pelos missionários Cirilo e Metódio. A Cirilo igualmente é atribuída a invenção do alfabeto eslavo, também conhecido como alfabeto cirílico. Embora não seja muito clara a relação dos dois tradutores com a cidade de Constantinopla, não há dúvida de que o texto da antiga versão Eslava apresente mais afinidade com o texto bizantino que com os demais. De 2 500 variantes analisadas, mais ou menos a metade é bizantina, e apenas um quinto é ocidental; verificou-se inclusive a presença de algumas variantes alexandrinas.⁴⁸ Sob o aspecto da influência, uma vez que a maioria das traduções nas línguas eslavas do passado e do presente tiveram como base a antiga tradução de Cirilo e Metódio, boa parte do texto bizantino continua ainda hoje sendo usada por milhões de cristãos eslavos.

Na Europa Ocidental, porém, onde a tradição latina muito cedo sobrepusera-se à grega, o texto que acabou predominando foi o da Vulgata Latina, de Jerônimo, mas isso não significa que o texto de Luciano fosse desconhecido ali. Muitos dos mss. greco-latinos que sobreviveram trazem justamente o texto bizantino, se bem que mesclado com variantes derivadas da Antiga Latina.⁴⁹ Mesmo a Vulgata acabou incorporando algumas formas bizantinas.⁵⁰ Com a invenção da imprensa, já no século xvi os editores europeus lançaram-se à publicação do NT grego, e o texto que veio a ser editado não foi outro senão o bizantino, e continuou a sê-lo, com pequenas modificações, até a última parte do século xix. E, quando

⁴⁷ *Chapters in the history of New Testament textual criticism*, p. 28.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 29.

⁴⁹ VAGANAY, *Op. dt.*, p. 138.

⁵⁰ DANA, *op. dt.*, p. 198.

consideramos que a maioria das traduções nas diversas línguas da Europa, Ásia, África e América do Sul tiveram como base essas edições gregas, podemos perceber quão grande foi a influência exercida por Luciano e quão duradouros foram os esforços pela unificação textual do NT.

Tipos de Variantes

Finalmente, para que a reconstituição da história manuscrita do NT esteja completa, há a necessidade de conhecer a origem e a natureza dos erros de transcrição, ou seja, os tipos de variantes, sem o que nenhum trabalho de restauração poderá ser possível. Nas palavras de Metzger, como um médico deve fazer um correto diagnóstico da doença antes de tentar curá-la, assim também o crítico textual deve estar bem inteirado dos erros que se introduziram no NT antes de tentar eliminá-los.⁵¹ Tais erros são geralmente classificados em dois grupos: os que resultaram de simples acidentes e os que foram cometidos de maneira intencional, se bem que em casos particulares é difícil precisar a que grupo pertence determinada variante.

Alterações Acidentais

Esse grupo compreende grande número de variantes e inclui erros dos mais diferentes tipos, todos relacionados com a falibilidade dos copistas, e, por isso mesmo, encontrados em mss. de todos os tempos, sobretudo quando ainda não era deixado espaço entre as palavras, quando não era usado qualquer sinal de pontuação ou divisão no texto que facilitasse a leitura. Como regra, não são os mais difíceis de ser corrigidos e podem ter causas de várias espécies, como as seguintes:

Equívoco visual. Alguns erros foram cometidos ao confundir o copista certas letras com outras de grafia semelhante, como as unciais

A, A e A, E e E, O e 9, H e N, n, IT e n, e as minúsculas κ e j3, ei, eff e £T, /x e y, v e <a e ^ e Ç. Em Atos 15.40, por exemplo, alguns mss. trazem EIIIAE2AMENOE ("tendo escolhido"), enquanto outros trazem EIIIAESAMENOE ("tendo recebido"). Uma importante variante de 1 Timóteo 3.16 envolve a diferença entre OS ("aquele que") e 6E ("Deus"). Quando começou a separação das palavras e a colocação de sinais diacríticos, alguns copistas leram, em Marcos 10.40, aXX'oïç ^ToifJilxoroti ("porque é para aqueles a quem está preparado"), já outros leram aXXoiç ^Toi/xaaTat ("isso está preparado para outros").

Outra espécie de equívoco visual é a parablepse,⁵² que significa pular de uma palavra, frase ou parágrafo para outro, devido a começos ou términos semelhantes, com a omissão das palavras intermediárias. Lucas 18.39, por exemplo, não aparece em alguns mss., o que foi provocado, sem dúvida, pelo término semelhante do versículo 38: *ule* Acmô, èXeï}ffôr jiiie ("Filho de Davi, tem compaixão de mim"). Em 1 João 2.23, muitos copistas pularam da primeira ocorrência de *rov varepa* ë^ei ("tem o Pai") para a segunda. Duas omissões em Mateus 5.19 e 20 certamente foram em virtude das três ocorrências de *rw ovpuvu>v* ("dos céus") nesses versículos.

Nessa mesma categoria de equívocos está a ditografia, que é a repetição errônea de uma sílaba ou frase, ou parte de uma frase. Um bom exemplo encontra-se em Atos 19.34, onde a expressão "Grande é a Diana dos efésios!" aparece duas vezes no Códice Vaticano. O erro oposto é a haplografia e caracteriza-se pela omissão indevida de uma sílaba, palavra ou frase, ou parte de uma frase. Às vezes, porém, é difícil precisar se o erro é ditográfico ou haplográfico, ou seja, se a variante curta ou a longa é a original. Em 1 Tessalonicenses 2.7, por exemplo, os mss. dividem-se entre as expressões *e^evrfQrn^v vrivioi* ("nos tornamos crianças") e *^ív^y.ív* 1711-1.01 ("nos tornamos dóceis"), e Champlin conclui: "Não há meio seguro de escolhermos a forma correta, no presente caso, embora o peso dos mss. mais antigos certamente inclina-se para a forma 'crianças'".⁵³

⁵² *Parablepse* (do grego *irctpajSXéi^tç*): neologismo técnico que literalmente significa "um olhar ao lado".

⁵³ *Op. cif.*, v. 5, p. 178.

A metátese, que é a transposição de fonemas no interior de um mesmo vocábulo ou a transposição de vocábulos numa mesma frase, também consiste em equívoco visual. Em Marcos 14.65, por exemplo, um copista trocou *eXotijSov* por *'éf3cx\ov*, e, em Atos 13.23, outro copista confundiu E PA IN (*ourrípcx 'i-goovv*) com E P I AN (*ocúTripiáv*). Mais exemplos poderiam ser citados, incluindo-se os de outros tipos de variantes originados de equívocos visuais, uma vez que os escribas eram humanos e os mss. divergiam muito na forma e legibilidade.

Equívoco auditivo. Certas vogais e ditongos gregos vieram a ser pronunciados de maneira praticamente idêntica, fenómeno conhecido como iotacismo, bem presente no grego moderno. Por exemplo, *ou* e *e*, *o*, *u* e *u*, ou ainda *i*, *v*, *Tj*, *y*, *ei*, *Ol* e *vi* acabaram tendo uma pronúncia bastante semelhante, e, como no preparo de muitas cópias alguns escribas costumavam reunir-se em salas apropriadas e escrever enquanto um leitor lhes ditava o texto sagrado, inúmeras confusões eram passíveis de ocorrer. Um conhecido exemplo é Romanos 5.1, onde tanto a forma *'é-^oiiev* ("temos") quanto *e\wiiev* ("tenhamos") são sustentadas pelos mss. Outro exemplo, e um tanto curioso, vem do Códice Beza, em Marcos 14.31, onde certo copista escreveu *^* em vez de */xe*, pelo que Pedro teria respondido a Jesus que nunca o negaria "se *não* fosse necessário morrer".

Equívoco de memória. Quando a mente do escriba o traía, ele chegava a cometer erros que poderiam variar desde a substituição de sinónimos (*evQvç* por *evOéuç*; *ôn* por *ôión*; *vepi* por *virép*; etc), a inversão na sequência das palavras (como *mXoi)ç TTOIÉI* por *TTOICI KocXovç*, em Mateus 7.17) ou até a influência inconsciente de passagens paralelas (como a adição de *O'í»TOÍ*) *èmovaeoôç*, "a Ele ouvirás", de Deuteronomio 18.15 em Atos 7.37), se bem que nesse último caso a maioria das variantes enquadra-se no grupo das alterações intencionais.

Equívoco de julgamento. Quando um copista se deparava com Ementários diversos anotados na margem do ms. que lhe estivesse *^*rvindo de modelo e não dispusesse de outras cópias para efeito de

comparação, poderia incluí-los no texto julgando que de fato deveriam estar ali. Nesse caso, a variante deve ser tida como acidental, uma vez que o copista não tivera a menor intenção de alterar o texto. Greenlee sugere que pode ser esse o caso da informação sobre o anjo que movia as águas do tanque de Betesda (Jo 5.3, 4),⁵⁴ o que também é defendido por Metzger.⁵⁵ No ms. 109, do século xiv, há outro possível exemplo de erro de julgamento, e muito curioso. O modelo do qual foi copiado o evangelho de Lucas deveria trazer a geneologia de Jesus (3.23-38) em duas colunas paralelas de 28 linhas cada. Acontece que, em vez de copiar o texto seguindo a ordem das colunas, o escriba o fez seguindo a ordem das linhas, passando de uma coluna para outra. Como resultado, praticamente todos os filhos tiveram seus pais trocados.

Alterações Intencionais

Esse grupo compreende a maior parte de todas as variantes hoje conhecidas, que são também as mais importantes, bem como as mais difíceis de ser corrigidas. Elas resultam principalmente do esforço de escribas e corretores por um texto melhor e mais correto. Bem poucas, na verdade, são as provas de que variantes heréticas ou destrutivas foram deliberadamente introduzidas nos mss. **E**, como no caso das alterações acidentais, as intencionais também podem ser de vários tipos. São elas:

Harmonização textual e litúrgica. Os livros que apresentassem passagens paralelas, mas um pouco divergentes, faziam com que o escriba se sentisse fortemente tentado a harmonizá-los. Isso acontecia principalmente com os evangelhos sinóticos, onde muitos textos eram alterados em benefício de uma narrativa a mais unificada possível. Os seguintes acréscimos são comuns em diversos mss.: Marcos 11.26, de Mateus 6.15; Marcos 15.28, de Lucas 22.37; Mateus 17.21, de Marcos 9.29; e vários outros. Em Atos, as três narrativas da

⁵⁴ *Op. cit.*, p. 65.

⁵⁵ *The text of the New Testament*, p. 194.

conversão de Paulo (9.1-9; 22.6-11; e 26.12-18) também exibem tentativas de harmonização em muitos mss. Mesmo as epístolas paulinas às vezes eram alvos desse tipo de alteração: depois de Gaiatas 4.17, por exemplo, vários mss. adicionam I Coríntios 12.31.

Outra espécie de harmonização textual era com respeito às citações do AT, que na maioria das vezes foram feitas sem qualquer rigidez pelos escritores neotestamentários, e que os copistas procuravam adaptar ao texto da LXX. Isaías 29.13, por exemplo, é citado livremente em Mateus 15.8, mas inúmeros mss. trazem a citação de maneira bem literal. Às vezes, o crédito da citação é que está incorreto, e os copistas então procediam à devida correção. Isso é o que acontece, por exemplo, em Marcos 1.2, onde a expressão "na profecia de Isaías" aparece mudada em muitos mss. para apenas "nos profetas", porque os escribas verificaram que a citação não é só de Isaías.

A conformação de textos do NT à liturgia da Igreja é outro tipo de harmonização. Certas porções bíblicas eram especialmente adaptadas para que pudessem ser lidas publicamente nos serviços de culto, e tais adaptações acabaram por influenciar a própria transmissão do texto. O exemplo mais notório é o da Oração do Senhor (Mt 6.9-13), cuja doxologia "pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém.", acrescentada para uso litúrgico, acabou sendo incorporada no texto de muitos mss.

Correção ortográfica, gramatical e estilística. Devido à falta de qualquer padronização oficial e à influência de vários dialetos, inúmeros termos gregos acabaram tendo formas diversas na soletração, principalmente os nomes próprios, e por isso é justamente neles que reside a maior parte das alterações ortográficas nos mss. bíblicos. *Koi[^]otpvocovp.*, por exemplo, tornou-se *KoiTrepvaovfJi.*; *Aaviô* tornou-se *AcffStô*, e assim por diante. Os escribas também costumavam corrigir o que julgavam ser erros gramaticais. Em Lucas 4.1, por exemplo, em que, depois do verbo de movimento *ĭIJÊTO* ("foi guiado"), vários mss. substituem o dativo *kv TT? epi[^]y* ("no deserto") pelo acusativo *eiç -nfv epi[^]or* ("ao deserto"), para resolver um Problema sintático, embora no grego helenístico a construção usada

por Lucas não estivesse incorreta,⁵⁶ Vários outros exemplos poderiam ser citados, principalmente do livro do Apocalipse, que, com tantos semitismos e solecismos, era uma verdadeira tentação ao escriba literato.

Com relação ao estilo, algumas vezes palavras pouco conhecidas eram substituídas por outras mais comuns, como em Tito 1.5, em que *ὀνρέλνροῦ* ("deixei") foi substituída em alguns mss. por *ΚττΤεΧνροῖ*. Às vezes, a substituição era a de palavras um tanto vulgares por sinónimos mais elegantes, como em Marcos 7.5, em que *ἀβίτροις* ("por lavar") aparece em diversos mss. no lugar de *Κοιρατῶν*. Ocorria também que o escriba tentasse tornar a construção mais suave ou lógica mediante o emprego de certas partículas. Esse é o caso, por exemplo, de Marcos 4.24, em que 70:10 aparece adicionada ao texto em muitos mss.

Correção histórica e geográfica. Alguns escribas tentaram harmonizar o relato joanino da cronologia da Paixão de Cristo com o de Marcos, mudando a "hora sexta" de João 19.14 para "hora terceira", mencionada em Marcos 15.25. A informação de Marcos 8.31, de que a ressurreição de Cristo ocorreria "depois de três dias" (*/xeTa rpeiç T^épaç*) de sua morte, também parece envolver certo problema cronológico, pelo que alguns copistas mudaram a frase para uma expressão mais familiar: "no terceiro dia" (*rq Tpirq ruxépa*). Em João 1.28, Orígenes informa ter alterado *Bi;0cmoi* para *Bi}0û:/3ttpo;*,⁵⁷ para remover o que pensava ser uma dificuldade geográfica, e sua correção aparece hoje em muitos mss.

Correção exegética e doutrinária. As correções exegéticas costumavam ser feitas quando o escriba se deparava com uma passagem de difícil interpretação. Frequentemente, ele tentava completar-lhe o sentido, tornando-a mais exata, menos ofensiva ou obscura. Em Colossenses 2.2, por exemplo, insatisfeitos com a expressão paulina "o mistério de Deus, Cristo", os escribas fizeram-lhe inúmeras alterações, a fim de torná-la mais clara. Enquanto alguns

⁵⁶ VAGANAY, *op. cit.*, p. 59.

⁵⁷ *Comentário de João*, II, 19.

simplesmente reduziram-na para "o mistério de Deus" ou "o mistério de Cristo", outros a alongaram de diversas formas: "o mistério de Deus e Cristo", "o mistério de Deus, que é o Cristo", "o mistério de Deus Pai em Cristo Jesus", e assim por diante. Outro exemplo é João 13.10, em que o escriba do Códice Sinaítico omitiu a expressão "senão os pés", talvez por julgá-la redundante, uma vez que já havia certa especificação no verbo usado por Jesus — *ϐΙΤΤΤW*, que literalmente significa "lavar uma parte do corpo", em contraste com *\ovo*, que se refere a um banho completo ("Quem já se banhou...").

Quanto às correções doutrinárias, os mss. preservados evidenciam serem elas de dois tipos: as que envolvem a eliminação ou alteração daquilo considerado doutrinariamente inaceitável ou inconveniente e as que procuram reforçar doutrinas ou práticas favoritas. Em Mateus 24.36, por exemplo, alguns mss. omitem a expressão "nem o Filho", o que certamente ocorreu porque, sabendo que Cristo era igual ao Pai, o copista deduziu que ele também era onisciente. Da mesma forma, certas expressões usadas por Lucas ao narrar a infância de Jesus, como "o pai e a mãe do menino" (2.33) e "seus pais" (2.41), foram respectivamente substituídas por "José e sua mãe" e "José e Maria", para salvaguardar o nascimento virginal de Jesus. Outro exemplo vem da Antiga Latina e da Gótica, em que, ao transcrever o prólogo de Lucas, os copistas acharam que o evangelista deveria ter-se referido à aprovação divina à sua decisão de compor o evangelho e por isso acrescentaram à expressão "a mim me pareceu bem" (1.3) o complemento "e ao Espírito Santo", talvez por influência de Atos 15.28.

Algumas alterações também foram feitas por tendências heréticas ou preconceitos raciais dos cristãos para com os judeus. No texto de Mateus 1.21, por exemplo, a expressão "seu povo" foi substituída em alguns mss. da Antiga Siríaca por "mundo". Igualmente, Marcião eliminou do evangelho de Lucas e das epístolas paulinas todas as referências à ascendência judaica de Jesus. Já o Diatessaron, de Taciano, contém muitas alterações que foram feitas para dar suporte à sua visão excessivamente ascética e encratística. Na verdade, a crescente importância do ascetismo verificada na Igreja Primitiva e a insistência quanto ao jejum como obrigação imposta a todos os cristãos levaram muitos copistas a introduzir nos mss. bíblicos

diversas referências ao jejum, particularmente relacionado à oração. Isso aconteceu, por exemplo, em Marcos 9.29, Atos 10.30 e I Coríntios 7.5. Em Romanos 14.17, onde o reino de Deus é descrito como não sendo nem comida nem bebida, "mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo", o ms. 4 insere depois de "justiça" as palavras "e ascetismo" (*uai aoK^{aiç}*). Interpolações semelhantes são muito comuns em I Coríntios 7.

Interpolações de notas marginais, complementos naturais e tradições. A utilização das margens dos mss. para apontamentos diversos, como correções, interpretações, reações pessoais e mesmo informações gerais quanto ao texto não era coisa rara, como também não o era a inclusão de tais elementos no próprio corpo textual em cópias posteriores, especialmente nos mss. ocidentais e bizantinos. Por exemplo, algum leitor do ms. 1518 anotou na margem de Tiago 1.5, após "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria", a expressão "espiritual e não humana". Mais tarde, o ms. foi copiado, e o escriba do 603 incluiu tal expressão no texto. Outro exemplo, talvez o mais conhecido de todos, é a chamada Coma Joanina, também conhecida como "as três testemunhas celestiais", que muito provavelmente foi incorporada ao texto de I João 5.7 e 8 a partir de um comentário anotado à margem de algum ms.⁵⁸

Por complementos naturais devemos entender certas palavras ou expressões que normalmente aparecem juntas no texto bíblico ou no uso habitual da Igreja, e a falta de uma delas numa ou noutra passagem muitas vezes provocava o copista a acrescentá-la. Nos evangelhos, por exemplo, muitos escribas não toleravam a palavra "sacerdotes" sozinha e então acrescentavam aqueles que tradicionalmente apareciam como opositores de Cristo, os "escribas" e "fariseus". Outro bom exemplo é encontrado em Gaiatas 6.17, onde escribas piedosos não resistiram ao fato de o nome "Jesus" vir sozinho, pelo que lhe fizeram várias adições: "Senhor Jesus", "Senhor Jesus Cristo" e "nosso Senhor Jesus Cristo". De igual modo em João 7.39 muitos mss. registram "Espírito Santo", em vez de apenas

⁵⁸ METZGER, *The text of the New Testament*, p. 102.

"Espírito".

Por fim, o último tipo relevante de alteração intencional são as interpolações de narrativas autênticas que envolviam Jesus ou os apóstolos e haviam sido deixadas de fora do texto pelos autores neotestamentários, mas que foram preservadas por alguma tradição oral ou escrita até serem finalmente acrescentadas em mss. bíblicos posteriores.

Que Jesus de fato fez muito mais que aquilo que os evangelhos registram não há a menor dúvida. O próprio relato evangélico assim o confirma (veja João 21.25). E muitos desses feitos adicionais certamente permaneciam vivos ou na memória dos cristãos mais antigos ou em escritos fragmentários de origem apostólica ou não. Lucas informa, no prólogo de seu evangelho (1.1-4), que "muitos" já haviam empreendido a tarefa de preparar uma "narração coordenada" dos fatos envolvendo a pessoa de Jesus, fatos esses que tinham sido transmitidos pelos que deles haviam sido "testemunhas oculares" desde o princípio. Não é necessário que tais testemunhas fossem apenas os discípulos, e Paulo menciona mais de 500 pessoas que haviam testemunhado a ressurreição de Cristo, isto é, suas aparições após a ressurreição (1 Co 15.6).

No próprio NT já se verifica a presença de declarações atribuídas a Jesus, mas não encontradas em nenhum dos evangelhos que conhecemos. Tal é o caso da citação com a qual Paulo conclui seu discurso perante os líderes da Igreja de Éfeso: "... Mais bem-aventurado é dar que receber" (At 20.35). Há também as referências de 1 Coríntios 7.10 e 9.14, as quais não encontram nenhuma correspondência exata com o texto dos evangelistas (veja Mc 10.11, 12 e Mt 10.10), mesmo porque 1 Coríntios pode bem ter sido escrito antes ou sem qualquer conhecimento de nenhum dos nossos quatro evangelhos.⁵⁹ Conquanto Paulo afirme que a essência do evangelho, ele "ao a havia recebido "de homem algum, mas mediante revelação de

⁵⁹ primeiro evangelho a ser escrito foi o de Marcos, e isso ao redor do ano 50, mais ⁶⁰ menos na mesma época em que Paulo publicou suas primeiras epístolas (1 e 2 ⁶¹ssalonicenses e 1 e 2 Coríntios), mas é bem provável que um não exercera qualquer influência nas publicações do outro, visto que estavam separados já por ⁶²Ita de sete ou oito anos (c/. At 13.13; 15.37-40).

Jesus Cristo" (Gl 1.12), as referências que faz às declarações de Jesus certamente foram obtidas junto às tradições orais ou fragmentárias que circulavam na Igreja apostólica.

O mesmo acontece nos escritos dos primeiros Pais da Igreja. Além das citações feitas muito livremente, a maioria das quais consistindo apenas em alusões ao texto evangélico, existem umas poucas referências a certas declarações de Jesus, como as de Inácio⁶⁰ e Clemente⁶¹ que não procedem nem da literatura canônica nem da apócrifa,⁶² mas eram conhecidas porque alguma antiga tradição as havia preservado. Papias, pouco antes da metade do século n, descreve, numa conhecida citação preservada por Eusébio, sua preferência por aprender as verdades cristãs diretamente daqueles que haviam estado com os apóstolos, "pois eu julgava" — declara ele — "que não poderia obter tanto proveito da leitura dos livros quanto da viva voz dos homens que ainda viviam".⁶³ E assim, muito daquilo que Jesus fez e falou era transmitido de geração a geração, apesar de não haver sido incluso originariamente no texto sagrado, até que escribas piedosos resolveram fazê-lo. Foi dessa maneira que episódios como o da mulher adúltera (Jo 7.53—8.11) e do suor que se tornou em sangue (Lc 22.43, 44) foram perpetuados na memória da Igreja, e devemos ser muito gratos por isso.

Todavia, quando consideramos os muitos tipos de variantes, tanto acidentais quanto intencionais, e sua grande ocorrência, é possível que

Aos esmirneus 3.2. *II Clemente* 4.5; 5.2-4; 8.5; 12.2.

A literatura apócrifa do NT é bem conhecida e não constitui nenhum problema, porque é rejeitada por todos os segmentos do cristianismo. Os livros que a compõem podem ser classificados como o próprio NT — evangelhos, Atos, epístolas e Apocalipse; há também aqueles que consistem em cânones de disciplina eclesiástica e de liturgia, como as Constituições Apostólicas, que afirmam representar práticas apostólicas, e o Testamento do Nosso Senhor, que tem a pretensão de conter os discursos proferidos por Cristo depois de sua ressurreição. Escritos para preencher lacunas da vida de Cristo, como a infância e a juventude, ou para ampliar seus ensinamentos e fazê-los apoiar doutrinas e práticas gnósticas, os "evangelhos" são os seguintes: dos hebreus, dos egípcios, de Tomé, de Pedro, de Nicodemos, de Tiago, dos ebionitas, de Filipe, de Bartolomeu, de Gamaliel e da verdade. *Op. cit.*, m, 39.

alguém seja tentado a substituir a gratidão pela frustração, no temor de que a Palavra de Deus seja hoje mais humana que divina. Devemos lembrar-nos, entretanto, de que desde seus primórdios a Igreja nunca se mostrou indiferente diante de tais alterações, pelo contrário, dependendo da gravidade do problema, eram tomadas até mesmo sérias medidas disciplinares, como no caso de Marcião. Se a questão fosse mais simples, a defesa da fé era deixada por conta dos apologistas, os quais, na verdade, eram ávidos por denunciar as mudanças introduzidas no texto pelos que costumavam fomentar heresias, especialmente os gnósticos. Dionísio de Corinto,⁶⁴ Ireneu,⁶⁵ Clemente de Alexandria,⁶⁶ Tertuliano⁶⁷ e Orígenes⁶⁸ são apenas alguns dos muitos Pais da Igreja que não mediram esforços para salvaguardar as Escrituras das corrupções heréticas. Ademais, devemos lembrar-nos ainda de que, se por um lado muitos copistas foram displicentes e negligentes em seu trabalho, por outro, houve os extremamente prudentes e cuidadosos, como os que produziram os mss. P⁴⁶, B, ?<, D, 33 e outros, o que, entre outros fatores, tem permitido à crítica textual o estabelecimento de um texto, se não totalmente, pelo menos muito próximo do original.

Também não deve ser esquecido que os trabalhos crítico-textuais têm demonstrado que a grande maioria das variantes diz respeito a questões de pouca ou nenhuma importância e que as de significação teológica não passam de um número muito reduzido. Mesmo assim, como as verdades do NT que afetam a fé e a moral não são expressas em um só lugar, mas a maioria em muitos lugares, o fundo doutrinário do NT não pode de modo algum ficar obscurecido, nem pouco alterado, pelas passagens criticamente incertas. Em outras palavras, nenhuma doutrina cristã repousa sobre textos duvidosos.⁶⁹ Portanto, como declara Alfred Wikenhauser, "pode-se afirmar com a melhor consciência científica que o texto do NT, se não criticamente, foi conservado dogmaticamente incorrupto".⁷⁰

Ap. EUSÉBIO, *op. cit.*, iv, 23.

Contra heresias, I, 20.

Miscelâneas, III, 4.

Contra Marcião, V, 4.

Contra Celso, li, 26.

Veja GREENLEE, *op. cit.*, p. 68.

Op. dl., p. 77.